

Bloco de Notas

A China afirma-se no mundo

A China deixou de ser a vítima. Quem o diz são Evan S. Medeiros e M. Taylor Fravel, num artigo intitulado “A Nova Diplomacia da China” no último número da *Foreign Affairs*. O exemplo com que começam o texto é a contribuição chinesa para acalmar a crise do Verão passado com a Coreia do Norte. Discretamente, Pequim organizou as conversações tripartidas e tem mantido uma pressão consistente sobre Pyongyang. Estamos a assistir, segundo os autores do texto, a uma transformação de grande importância para o mundo: a China está a abandonar o papel passivo que durante muito tempo manteve na arena internacional e está a transformar-se num actor activo. Isto passa por uma postura “de menor confronto, mais sofisticada, mais confiante, e, por vezes, mais construtiva”. Mas, apesar de se mostrar cada vez mais disposta a jogar de acordo com as normas e regras internacionais, Pequim não está totalmente satisfeita com o sistema e, nomeadamente, com o domínio americano. Por isso, Medeiros e Fravel fazem um aviso: “À medida que a China alarga a sua influência e refina a sua diplomacia, vai também tornar-se melhor a proteger os seus interesses – mesmo quando estes entram em conflito com os dos EUA”.



Os objectivos dos sunitas iraquianos

O “Council on Foreign Relations” disponibiliza no seu site uma série de perguntas e respostas sobre os sunitas iraquianos, com informações muito completas: quem são, o que pretendem, como estão organizados, etc. O texto refere, por exemplo, que as divisões entre xiitas e sunitas não são tão importantes como por vezes a comunicação social faz parecer, até porque o nacionalismo é um valor muito forte para ambos os grupos, o que atenua as diferenças. É por isso que não tem havido manifestações de sunitas no Iraque a reivindicar o seu próprio Estado – eles são “acima de tudo nacionalistas, que colocam a independência política e a integridade territorial do Iraque acima de outras identidades e valores”. Interessante é também a forma como estão organizados a nível religioso, com três esferas básicas: o islão institucional, com a sua rede de mesquitas, instituições de caridade e escolas; o islão político, com grupos fundamentalistas, que defendem a *sharia* e com os quais Saddam manteve relações dúbias; e o islão popular, muito ligado às práticas místicas do sufismo.



Geórgia em situação de pré-crise



A crise política na Geórgia não acabou com o derrube do Presidente Eduard Shevardnadze, alerta o International Crisis Group. A situação naquela antiga república soviética ainda pode conduzir à violência e à desintegração do país. O ICG apela a uma “acção internacional excepcional” porque a Geórgia “ainda está numa situação de pré-conflito e não de pós-conflito”, embora aparentemente possa parecer que o pior já passou. É importante, por exemplo, evitar purgas na administração, dado que “está em causa a viabilidade do Estado”, diz a organização, que salienta que a Geórgia está em risco de perder a região autónoma da Adjária, tal como perdeu já a Abkházia e a Ossétia do Sul. Essencial, conclui o ICG, é “convencer a Rússia a cooperar de forma construtiva para apoiar a integridade territorial da Geórgia”, e “garantir que as próximas eleições presidenciais (a 4 de Janeiro) e as legislativas serão livres e justas”.

Alexandra Prado Coelho

Como se destrói um país

“How to kill a country” – assim se chama o artigo publicado na *Atlantic Monthly* pela jornalista, escritora e defensora dos direitos humanos Samantha Power, que descreve a forma como Robert Mugabe tem vindo a destruir um dos mais extraordinários países africanos, o Zimbabwe. O processo tem dez passos: 1) destruir o motor da produção; 2) enterrar a verdade; 3) esmagar a dissidência; 4) legislar o impossível; 5) ensinar o ódio; 6) assustar os estrangeiros; 7) invadir um vizinho; 8) ignorar um inimigo mortal; 9) cometer genocídio; 10) culpar os imperialistas. Numa entrevista disponível no site da “Atlantic Online”, Power explica como é que entrou num país de onde os jornalistas estrangeiros foram expulsos desde Fevereiro – “Literalmente, havia um sinal que dizia ‘Turistas’ e eu avancei por aí”. Uma das coisas que a surpreendeu foi a forma “como se pode dar cabo de um país” como o Zimbabwe, e tudo por causa do “poder pessoal”, a principal motivação de Mugabe. Espantou-se com a paciência do povo, mas está convencida de que isso não vai durar para sempre: “Eles dobram, dobram, dobram – quando é que as pessoas partem?. Estão a perder peso, sofrem de má-nutrição, dependem da ajuda humanitária, que está a diminuir. Quando é que, fisicamente, se dá o ponto de ruptura?”.

